SALVAR O PORTUGUÃŠS EM OLIVENÃ‡A

16-Oct-2007

RESUMO DE INTERVENÃ‡Ãƒ O NO
CONGRESSO DA LUSOFONIA EM BRAGANÃ‡A (5-Outubro-2007)

UM LUGAR ONDE A LÃ•NGUA PORTUGUESA (VARIEDADE ALENTEJANA...) ESTÃ• EM AGONIA

(inclui reflexÃµes de um jovem local de 28 anos)

Â Â Â Â Â Â

Â Em 1840, trinta e nove anos apÃ³s a ocupaÃ§Ã£o espanhola (1801), o PortuguÃªs foi proibido em OlivenÃ§a, inclusivamente nas Igrejas. Todavia, ele foi sobrevivendo, numa deliciosa toada alentejana, que logo as autoridades, vigilantes, classificaram como "chaporreo", palavra de

difÃ-cil traduÃ§Ã£o (talvez "patois"; talvez "deturpaÃ§Ã£o"), que criou complexos de inferioridade nos utilizadores, levando-os, cada vez mais, a usar a LÃ-ngua Tradicional apenas a nÃ-vel caseiro, dentro do aconchego do lar. Mesmo com esses condicionalismos, depois de duzentos anos de pressÃ£o, ela Ã© entendido e falado por cerca de, pelo menos 35% da populaÃ§Ã£o, segundo cÃ¡lculos da UniÃ£o Europeia (Programa Mosaic).

Como sucede, contudo, nestes casos, em qualquer ponto do Globo, o PortuguÃªs foi perdendo prestÃ-gio. NÃ£o sendo utilizado nunca em documentos oficiais, na toponÃ-mia (salvo se traduzido e deturpado), ou em qualquer outra situaÃ§Ã£o que reflectisse a dignidade de um idioma, manteve-se, discretamente, por vezes envergonhadamente.

A ditadura franquista piorou a situaÃ§Ã£o. Nas dÃ©cadas de 1940, 1950, e 1960, era rarÃ-ssimo, mesmo impossÃ-vel em alguns casos, encontrar professores, polÃ-cias, funcionÃ¡rios em geral, que fossem filhos da terra oliventina, na prÃ³pria OlivenÃ§a. Colonizadores inconscientes, peÃµes numa polÃ-tica geral de destruiÃ§Ã£o das diferenÃ§as por toda a Espanha. Por ironia da HistÃ³ria, alguns desses cidadÃ£os "importados", com muito menos complexos que os naturais porque nÃ£o tinham, quaisquer conflitos de identidade, ou os seus filhos, puseram-se a estudar os aspectos "curiosos", "especÃ-ficos", da cultura oliventina, acabando por produzir trabalhos de valor sobre a cultura da sua Nova terra, que podem chamar para sempre, e sem contestaÃ§Ãµes, de Terra MÃ£e, por adopÃ§Ã£o, por paixÃ£o, ou jÃ¡ por nascimento.

A Democracia abriu algumas novas perspectivas, mas os fantasmas nÃ£o desapareceram de todo. Alguns cursos de PortuguÃªs foram surgindo, com maior ou menor sucesso. Por vezes ao sabor de questÃµes polÃ-ticas, como durante a DÃ©cada de 1990 .Â Em 1999/2000, continuando em 2000/2001, a Embaixada de Portugal em Madrid, e o Instituto CamÃµes, passam a apoiar o apoiar o ensino do portuguÃªs no Ensino PrimÃ¡rio em todas as EscolasÂ de OlivenÃ§a. Incluindo

as Aldeias. Apenas TÃ¡liga, antiga aldeia de OlivenÃ§a transformada no SÃ©culo XIX

em municÃ-pio independente, estÃ¡ ainda de fora deste projecto, para o qual foram destacados, primeiro trÃªs, depois quatro professores portugueses. Ã‰ urgente acudir a TÃ¡liga, onde sÃ³ 10% da populaÃ§Ã£o ainda tem algo a ver com a LÃ-ngua de CamÃµes. Foi dado um primeiro e importante passo. Mas nÃ£o se tem revelado suficiente. O Estado PortuguÃªs deverÃ¡ tentar influenciar mais a tomada de outras medidas, dada atÃ© a sua posiÃ§Ã£o sobre o Direito de Soberania sobre OlivenÃ§a: o ensino da HistÃ³ria (que nÃ£o Ã© feito em parte nenhuma em OlivenÃ§a), por exemplo: a utilizaÃ§Ã£o prÃ¡tica da LÃ-ngua, em documentos oficiais, toponÃ-mia, etc.; a continuaÃ§Ã£o do Estudo do PortuguÃªs atÃ© nÃ-veis de ensino mais avanÃ§ados; e tantas coisas mais que se poderiam referir!

Acima de tudo, Ã© preciso dar ao PortuguÃªs dignidade... e utilidade. Revalorizar o PortuguÃªs que sobrevive, o qual, por ser uma variante da fala lusa regional do Alentejo, Ã© vÃ-tima de comentÃ¡rios pouco abonatÃ³rios.

Deve-se "fazer a ponte"
entre as velhas geraÃ§Ãµes e os jovens alunos. Ensinando-lhes, por exemplo, a partir de exemplos da velha poesia popular e erudita oliventina, no idioma de CamÃµes, e que Ã© ainda, graÃ§as a recolhas etnogrÃ¡ficas e a alguns poetas populares vivos, suficientemente conhecida para tal. Porque, sem perceberem que estÃ£o a dar continuidade Ã cultura dos seus avÃ³s, os jovens oliventinos dificilmente compreenderÃ£o que aprender a

lÃ-ngua lusa Ã© muito diferente de aprender uma lÃ-ngua estrangeira (InglÃªs, FrancÃªs, AlemÃ£o). Ã‰ preciso dizer claramente que o PortuguÃªs Ã© imprescindÃ-vel para que as novas geraÃ§Ãµes compreendam o que as geraÃ§Ãµes anteriores quiseram transmitir.

Por tudo isto, a situaÃ§Ã£o actual
nÃ£o Ã© famosa. HÃ¡ estudos recentes que falam em "declÃ-nio do PortuguÃªs em OlivenÃ§a", no seu uso coloquial, como um trabalho da Professora Maria de FÃ¡tima Resende Matias, da Universidade de Aveiro. Como dizia um jovem oliventino (Junho de 2007), a este respeito, Â«isto Ã© uma verdadeira tragÃ©dia; depois de pouco mais de 200 anos, o portuguÃªs vai desaparecer em OlivenÃ§a; a alma dos povos Ã© a lÃ-ngua; a lÃ-ngua Ã© a memÃ³ria,

Ã© tudo; em OlivenÃ§a vÃ£o ficar somente as pedras, as fachadas, do que foi o seu passado portuguÃªs; NÃ£o hÃ¡ nada mais triste que conhecer que o fim vai chegar e ninguÃ©m fiz[fez] nada para evitÃ¡-lo; ninguÃ©m compreende que a morte do Ãºltimo luso-falante vai ser a morte da alma portuguesa, o fim de geraÃ§Ãµes falando portuguÃªs nas ruas, nas moradias, no campo oliventino, ao longo de mais de sete sÃ©culos?Â». E continua: Â«O artigo da senhora FÃ¡tima Matias

explica perfeitamente as razoes e o contexto da agonia do portuguÃªs em OlivenÃ§a; mas... agora jÃ¡ nÃ£o hÃ¡ ditadura; DeverÃ-amos ficar orgulhosos de ter esta riqueza linguÃ-stica e procurar defesa e o ensino do portuguÃªs oliventino; (...) e, um pouco tambÃ©m, o Estado portuguÃªs Ã© tambÃ©m responsÃ¡vel; com independÃªncia de questÃµes de Ã-ndole soberanista, deveria implicar-se na promoÃ§Ã£o do portuguÃªs em OlivenÃ§a e nÃ£o somente nÃ£o reconhecer [a soberania espanhola] e nÃ£o fazer nada.Â»

Pode-se aplaudir o que se faz
hoje, mas Ã© imprescindÃ-vel algo mais: faÃ§a-se um estudo do PortuguÃªs-Alentejano falado em OlivenÃ§a, e ligue-se o mesmo ao PortuguÃªs-PadrÃ£o ensinado nas Escolas, de modo a fazer a ligaÃ§Ã£o entre as geraÃ§Ãµes e produzir uma normal continuidade que deveria naturalmente ter ocorrido. Assim se corrigirÃ¡ a distorÃ§Ã£o introduzida pela

pressÃ£o do Castelhano. Este estudo pode ser feito por quem se mostre capaz de o fazer: portugueses, mas tambÃ©m alguns especialistas e linguistas estremenhos. A nenhum Estado (Portugal ou Espanha) se poderÃ¡ perdoar deixar morrer uma cultura! O aspecto polÃ-tico da questÃ£o, que existe, pode ser secundarizado ao mÃ¡ximo.

Â Os Primeiro passo poderÃ£o ser umas Jornadas,
ou um Congresso, sobre o

tema, que reÃºna a participaÃ§Ã£o de especialistas e autoridades das mais diferentes origens, unidos pela sua boa vontade...